

PANORAMA DA CULTURA E DA LITERATURA
DE LÍNGUA PORTUGUESA

TROVADORISMO

Prof^a. Tatiane Kaspari

Quando começa a literatura portuguesa?

Ela nos interessa por quê?

- <https://www.youtube.com/watch?v=xJMjKEgd9SM>

Evidências

Chitãozinho & Xororó

Quando eu digo que deixei de te amar
É porque eu te amo
Quando eu digo que não quero mais você
É porque eu te quero
Eu tenho medo de te dar meu coração
E confessar que eu estou em tuas mãos
Mas não posso imaginar
O que vai ser de mim
Se eu te perder um dia

Eu me afasto e me defendo de você
Mas depois me entrego
Faço tipo, falo coisas que eu não sou
Mas depois eu nego
Mas a verdade
É que eu sou louco por você
E tenho medo de pensar em te perder
Eu preciso aceitar que não dá mais
Pra separar as nossas vidas

E nessa loucura de dizer que não te quero
Vou negando as aparências
Disfarçando as evidências
Mas pra que viver fingindo
Se eu não posso enganar meu coração?
Eu sei que te amo!

Chega de mentiras
De negar o meu desejo
Eu te quero mais que tudo
Eu preciso do seu beijo
Eu entrego a minha vida
Pra você fazer o que quiser de mim
Só quero ouvir você dizer que sim!

Diz que é verdade, que tem saudade
Que ainda você pensa muito em mim
Diz que é verdade, que tem saudade
Que ainda você quer viver pra mim

Composição: Jose Augusto / Paulo Sérgio Valle

sofrência

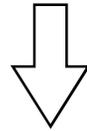
Condição da pessoa que sofre, que não se consegue livrar de uma situação de tristeza e de sofrimento.

Estado de quem sofre por amor ou está sofrendo com alguma desilusão amorosa.

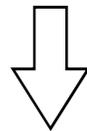
O marco inicial da literatura em língua portuguesa remete ao final da Idade Média, quando Portugal é elevado a REINO (1143). A primeira cantiga de que se tem notícia é a Cantiga de Guarvaia/ da Ribeirinha (1189 ou 1198).

Cantigas galego-portuguesas

“É na poesia que pela primeira vez a língua portuguesa se faz arte.” (Lemos, 1996, p. 39)



Poesia ligada à música: transmissão oral e associação do canto às atividades cotidianas.



Cultura trovadoresca como instituição medieval:
introdutora de significativas inovações sócio-culturais,
ela só poderá ser globalmente compreendida se levada
em conta toda sua complexidade. (Lapa, 1966, p. 6)



A história do amor

- <https://www.youtube.com/watch?v=vjg23tY53h4>

Compreensão do contexto medieval



BOSCH, Hieronymus. **Carro de Feno** (tríptico). Óleo sobre madeira, 147 x 232 cm. Museu do Prado, Madri.



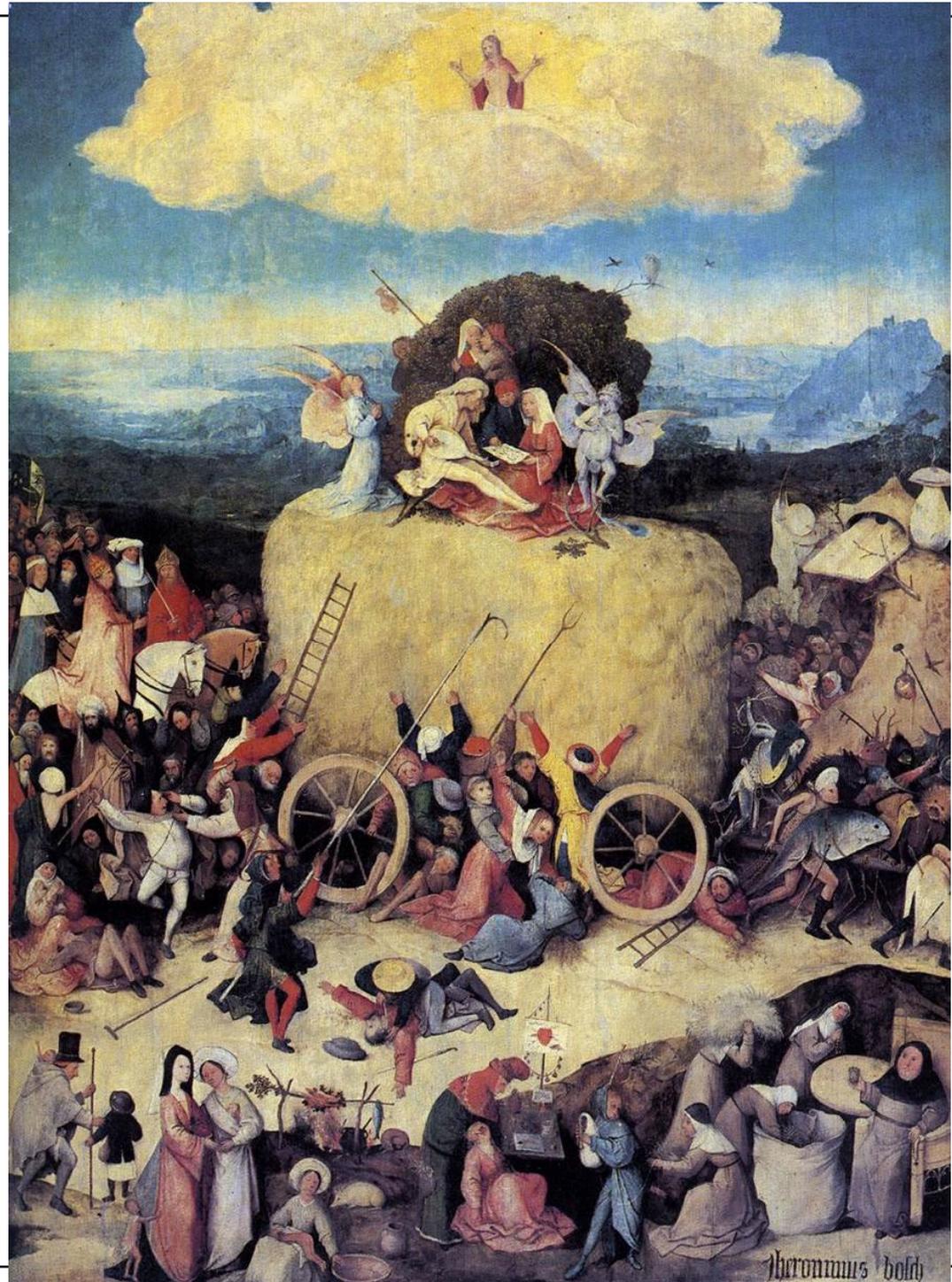
Painel esquerdo



Painel direito

Painel central

- “O mundo é um carro de feno, cada qual nele apanhando o que pode” (provérbio flamenco).
- Representa a organização sócio-econômica no período feudal: cena de grande violência.



“Camadas” sociais

Sociedade tripartida: ordem natural, em conformidade com a Divina Trindade





- Bellatores e
Laboratores



- Trovador

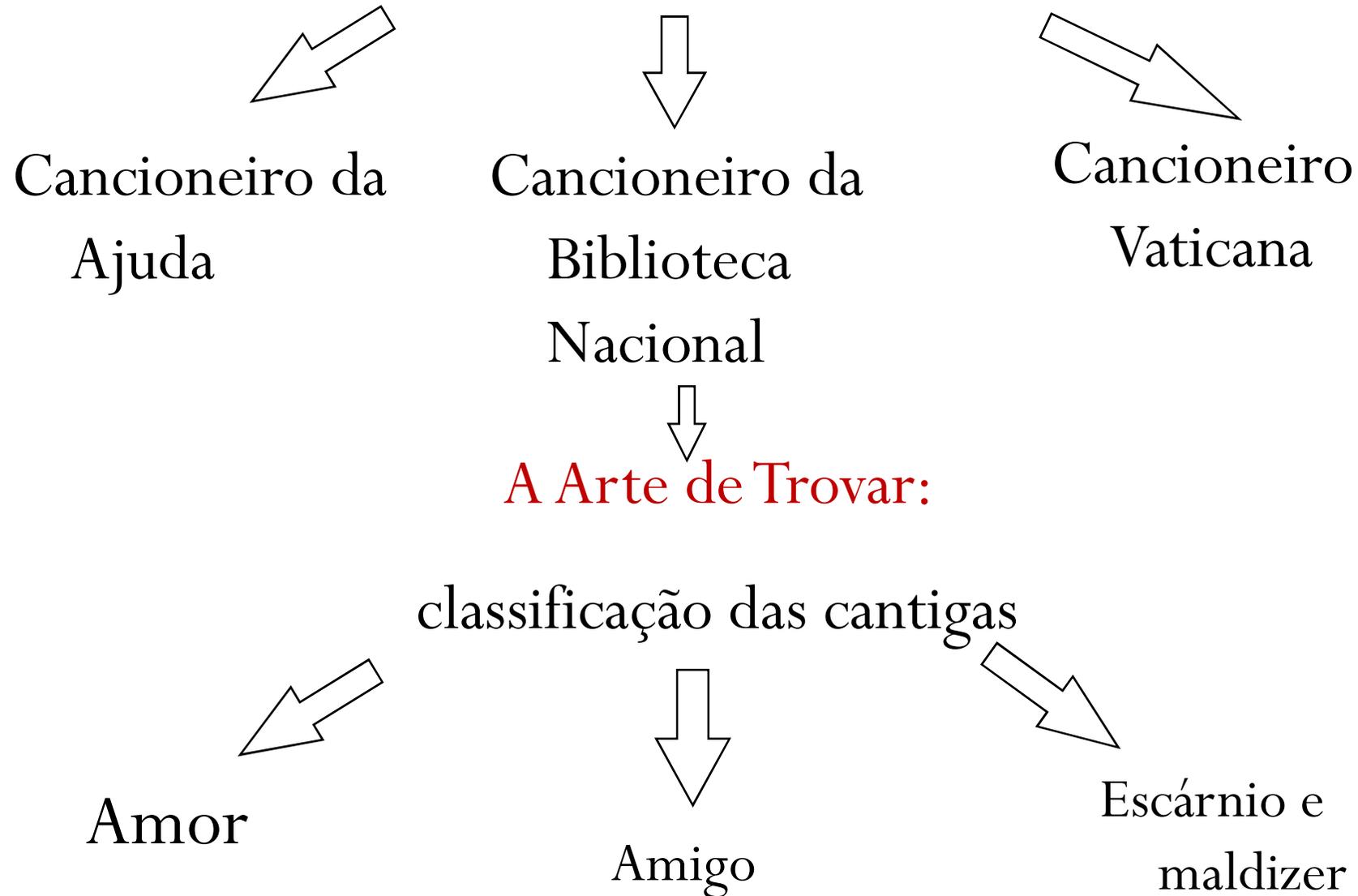


As cantigas

<https://www.youtube.com/watch?v=eXqJLteXkXU>

Poesia galego-portuguesa

- Compilação das cantigas em cancioneiros



Cantigas de amor X cantigas de amigo

Arte de Trovar: “é cantiga de amor, se fala ‘ele’; é cantiga de amigo, se fala ‘ela’”.

Lapa: influência provençal
X
caráter tradicional



Cantigas de amor



Tristão e Isolda. Disponível em: cavaleirodinamarca.webs.com/tristoeisolda.htm

Acesso em: 17/05/2009.

Estes meus olhos nunca perderám,
senhor, gram coita, mentr'eu vivo for;
e direi-vos, fremosa mia senhor,
destes meus olhos a coita que ham:
 choram e cegam, quand'algúem nom veem,
 e ora cegam por algúem que veem.

Guisado têm de nunca perder
meus olhos coita e meu coração,
e estas coitas, senhor, mñas som:
mais los meus olhos, por algúem veer,
 choram e cegam, quand'algúem nom veem,
 e ora cegam por algúem que veem.

E nunca já poderei haver bem,
pois que Amor já nom quer nem quer Deus;
mais os cativos destes olhos meus
morrerám sempre por veer algúem:
 choram e cegam, quand'algúem nom veem,
 e ora cegam por algúem que veem.

Senhora, enquanto eu viver,
Estes meus olhos nunca perderão
O ar de tristeza que têm;
E dir-vos-ei, minha formosa Senhora,
Sobre a dor que meus olhos guardam agora:
Choram e cegam quando algúem não vem,
E cegam igualmente quando a veem.

Estão destinados a nunca perder
O grande sofrimento. Meu coração
E estas dores, Senhora, minhas são.
Choram e cegam quando algúem não vem,
E cegam igualmente quando a veem.

E nunca já poderem possuir o meu amor
Pois o próprio Amor não quer e não quer Deus;
E estes meus olhos cativos
Morrerão sempre por ver algúem.
Choram e cegam quando algúem não vem,
E cegam igualmente quando a veem.

Estes meus olhos nunca perderám,
senhor, gram coita, mentr'eu vivo for;
e direi-vos, fremeosa mia senhor,
destes meus olhos a coita que ham:
choram e cegam, quand'algúem nom veem,
e ora cegam por algúem que veem.

Guisado têm de nunca perder
meus olhos coita e meu coração,
e estas coitas, senhor, mñas som:
mais los meus olhos, por algúem veer,
choram e cegam, quand'algúem nom veem,
e ora cegam por algúem que veem.

E nunca já poderei haver bem,
pois que Amor já nom quer nem quer Deus;
mais os cativos destes olhos meus
morrerám sempre por veer algúem:
choram e cegam, quand'algúem nom veem,
e ora cegam por algúem que veem.

Que relações
podem
estabelecidas
com o contexto
sociocultural de
produção?

E com o
contexto atual?

Poesia galego-portuguesa

*Un tal home sei eu, ai ben tallada,
que por vós ten a sa morte chegada;
vede quen é, e seed' en nembrada:
eu, mia dona.*

*Un tal home sei eu que preto sente
de si morte chegada certamente;
vede quen é, e véñavos en mente:
eu, mia dona.*

*Un tal home sei eu; aquest' oide:
que por vós morr'e volo en partide,
vede quen é, e non xe vos obride:
eu, mia dona.*

Um tal home sei eu, ai formosa,
que por vós tem a sua morte chegada;
vede quem é, e lembra-te:
eu, minha dona.

Um tal home sei eu que perto sente
de si a morte chegada certamente;
vede quem é, e venha-vos em mente:
eu, minha dona.

Um tal home sei eu, ouvide isto:
que por vós morre e pede-vos que
parta,
vede quem é, e não se vos esqueça:
eu, minha dona.

Poesia galego-portuguesa

*Un tal home sei eu, ai ben tallada,
que por vós ten a sa morte chegada;
vede quen é, e seed' en nembrada:
eu, mia dona.*

*Un tal home sei eu que preto sente
de si morte chegada certamente;
vede quen é, e véñavos en mente:
eu, mia dona.*

*Un tal home sei eu; aquest' oide:
que por vós marr'e volo en partide,
vede quen é, e non xe vos obride:
eu, mia dona.*

Que tipo de cantiga é
essa?

Quem é a voz lírica?

De quais recursos sonoros
e formais lança mão?

Características da cantiga de amor galego-portuguesa

- Amor cortês: homem presta culto à dama/ senhora
- Coita amorosa: foco na extrema dor causada pela ausência da amada.
- Voz lírica masculina
- Aprofundamento do tema: amor eterno e abnegado
- Ambientação: “caráter abstrato e descolorido” (Lemos, 1996, p. 44)

Cantigas de amor



Tristão e Isolda. Disponível em: cavaleirodinamarca.webs.com/tristoeisolda.htm

Acesso em: 17/05/2009.

Como vivo coitada, madre, por meu amigo
Ca m'enviou mandado que se vai no ferido
E por el vivo coitada!

Como vivo coitada, madre, por meu amado
Ca m'enviou mandado que se vai no fossado
E por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai ferido
Eu a Santa Cecília de coraçõn o digo.
E por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai no fossado
Eu a Santa Cecília de coraçõn o falo.
E por el vivo coitada!

GINZO, Martim de. In: Lemos, 1996, p. 46.

Quem é a voz lírica?

A quem ela se dirige?

Qual é o tema
central da cantiga?

Há recursos sonoros
ou formais
recorrentes?

Quais são os principais recursos rítmicos?

Como vivo coitada, madre, por meu amigo
Ca m'enviou mandado que se vai no ferido
E por el vivo coitada!

Como vivo coitada, madre, por meu amado
Ca m'enviou mandado que se vai no fossado
E por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai ferido
Eu a Santa Cecília de coraçõn o digo.
E por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai no fossado
Eu a Santa Cecília de coraçõn o falo.
E por el vivo coitada!

Paralelismo anafórico:
altera-se somente a
palavra em posição de
rima

Quais são os principais recursos rítmicos?

Como vivo coitada, madre, por meu amigo

Ca m'enviou mandado que se vai no ferido

E por el vivo coitada!

Como vivo coitada, madre, por meu amado

Ca m'enviou mandado que se vai no fossado

E por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai ferido

Eu a Santa Cecília de coração o digo.

E por el vivo coitada!

Leixa-pren

Ca m'enviou mandado que se vai no fossado

Eu a Santa Cecília de coração o falo.

E por el vivo coitada!

A prece e a religiosidade, porém, nem sempre são sinceras

Pois nossas madres van a San Simon
de Val de Prados candeas queimar,
nós, as meninas, punhemos d'andar
com nossas madres, e elas enton
 queimen candeas por nós e por si
 e nós, meninas, bailaremos i.

Nossos amigos todos lá iran
por nos veer, e andaremos nós
bailand' ant' eles, em cós;
e nossas madres, pois que alá van,
 queimen candeas por nós e por si
 e nós, meninas, bailaremos i.

NUNES, J. J. Cantigas d'Amigo, 3 vols., Coimbra, Imprensa da
Universidade, 1926-1928, n.º 169. In: LAPA, op. cit., p. 111.

Características da cantiga de amigo galego-portuguesa

- Tema comum: ausência/ partida do amado (amigo).
- Voz lírica feminina
- Paralelismo
- Paisagem natural
- Origem folclórica

- Subgêneros das cantigas de amigo (Lemos, 1996):
 - 1) **Cantigas marinhas ou barcarolas** – fazem alusão ao mar ou a barcas;
 - 2) **Bailias ou bailadas** – são concebidas para canto alternado ou tratem de temas relacionados à dança;
 - 3) **Romaria** – referem-se a peregrinações, promessas ou preces pelo amado que partiu;
 - 4) **Albas** – lamento dos amantes ao despertarem depois de uma noite juntos;
 - 5) **Pastorelas** – bastante incomuns, retratam a observação escondida do trovador em relação à camponesa;
 - 6) **Tenção** – estabelecimento de diálogo.

Cantigas de escárnio e de maldizer

“A linhagem mais erótica e realista da poesia amorosa aparece nas chamadas cantigas de escárnio e maldizer, valorizadas, pela história literária, apenas pelo seu caráter de registro da época e da vida social mundana. Dessa forma, não foram consideradas líricas.”
(Cara, 1985, p. 23)

abadessa

Superiora de um mosteiro de religiosas, intitulado abadia.

Joan Airas de Santiago – Século XIII

Foi um dia Lopo jogral
Cantar na casa de um fidalgo
E deu-lhe este em pagamento
Três coices na garganta,
E até foi moderado, a meu ver,
Pelo jeito como ele canta.

E tratou-o com moderação
Ao dar-lhe tão poucos coices,
Pois não deu a Lopo então
Mais de três em sua garganta
E mais merecia o jogralão,
Pelo jeito como ele canta.

*Jogral Lopo: grupo vocal musical

Em suma...

- **Cantiga de amor:**
 1. voz masculina que assume status de servo: humildade, abnegação, submissão...
 2. mulher idealizada: perfeição moral e física; presente divino;
 3. amor cortês: caráter abnegado do amor;
 4. coita: grande sofrimento advindo do amor;
 5. sinceridade: expressão ligada à emoção do poeta;
 6. Cantiga com forma de louvor;
 7. paralelismo: especialmente temático;
 8. ambientação abstrata;
 9. Influência provençal – relação com a vida da Corte.

- Cantigas de amigo

1. Voz lírica feminina, que expõe os variados sentimentos da menina/mulher;
2. Motivo da ausência do amado;
3. Multiplicidade de configurações;
4. Caráter folclórico – relação com a vida cotidiana.

- Cantigas de escárnio e maldizer

1. Voz lírica masculina;
2. Sarcasmo, crítica;
3. Relacionam-se com eventos do contexto de produção das cantigas;
4. Destaque às cantigas dirigidas a Maria Balteira/ Peres.

DIÁLOGOS COM A ATUALIDADE

TROVADORISMO